

PSDB ainda espera Maurício

Tucanos fecham chapa que vai concorrer em coligação, mas ainda reservam vaga para ex-ministro disputar o Senado

Francisco Stuckert

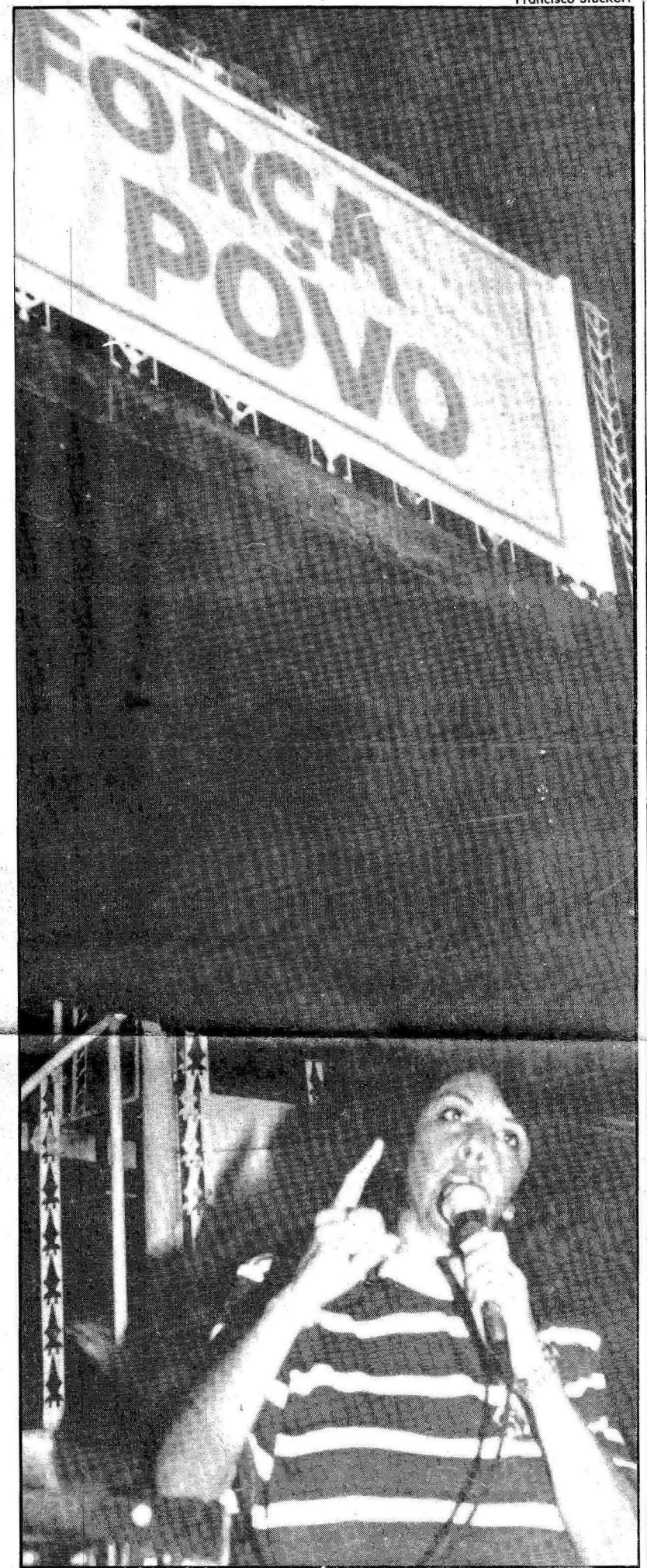
A coligação "Brasília de Mãos Dadas" — nome que será homologado hoje pelos partidos que a compõem (PSDB, PPR, PMN), — realizou um almoço de apresentação de seus candidatos ontem, em Ceilândia. Proporcionalistas do PSDB, PPR e PMN, tiveram oportunidade de se apresentar aos militantes que participaram do evento. Entre os majoritários, a ausência sentida apenas pela candidata a governadora Maria de Lourdes Abadia, foi a do candidato ao Senado Rosalvo Azevedo. Os demais postulantes preferiram citar apenas o nome de Sigmaringa Seixas. No final do almoço, Abadia confessou que "a frente ainda espera, até o prazo final da homologação das candidaturas, por um possível retorno do senador Maurício Corrêa", que passaria a ser o segundo nome para o Senado.

A candidata ao Buriti alegou estar satisfeita com o crescimento de sua candidatura. Abadia disse que não se preocupa com a possível vinculação de seu nome ao do governador Joaquim Roriz. "Se um eleitor pobre, votar em mim porque ganhou um lote do governador, não irei recusar seu voto". Mesmo assim, Abadia contou que a frente ainda está analisando a política de assentamentos. "Só depois de um amplo estudo, veremos se ela prosseguirá da forma como tem sido realizada", concluiu.

Programa — Maria de Lourdes Abadia pediu a todos os presentes ao almoço que colaborassem, através de sugestões na elaboração de seu plano de governo. Ao discursar, além de garantir a vitória, a candidata aproveitou para "alfinetar" seus adversários mais fortes. "Nossa candidatura não se esconde atrás de nomes, como o de Roriz ou Lula. Isto porque temos luz própria".

O candidato a vice, Wanderlei Vallim, foi obrigado a deixar o almoço mais cedo. O sogro de Vallim, Fernando Raye de Aguiar morreu na madrugada de ontem — o que obrigou o candidato a viajar para Barra das Garças (MT). Antes de sair, Vallim chegou a criticar a constante vinculação de seu nome com o do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. "Sempre falam que o meu partido (PPR) é o partido de Maluf. Por que não dizem que é o PPR do Esperidião, ou do senador Jarbas Passarinho?", questionou Vallim.

Senado — Assessores da frente não negaram que o nome do candidato Rosalvo esteja apenas "esquentando cadeira", na expectativa de que o senador Maurício Corrêa volte atrás em sua decisão de não concorrer às próximas eleições. Apesar disso, a opinião



Abadia apresentou, em Ceilândia, candidatos da coligação

geral era de que Corrêa não deve sair candidato. "O que é uma pena, já que sem ele nossa chapa fica mais pobre", argumentou Abadia.

Satisfeito — O outro postulante ao Senado, o deputado federal Sigmaringa Seixas, alegou estar satisfeito com os resultados das últimas pesquisas que o indicam como terceiro colocado na disputa às duas vagas da Casa. "Isto sem eu ter colocado meu material na rua admitiu". Seixas confessou que boa parte de suas intenções de voto pode vir do PT, "mas de simpatizantes e não de militantes", esclareceu, justifican-

do que a militância petista vota na chapa indicada pelo partido. Ao discursar, Sigmaringa deixou claro que as divergências quanto à coligação com o PPR estão superadas. O deputado chegou a elogiar a "proibidade administrativa de Vallim, quando foi governador do Distrito Federal". Abadia afirmou que não está mais disposta a trocar "farpas" com os candidatos adversários. "Agora está na hora de discutimos propostas para o governo. O meu será voltado para os pobres", definiu antes de repetir um pedido perigoso aos seus correligionários: "Não me deixem só", frase famosa do ex-presidente Collor.